

EXPLOSÃO!: Um metazine experimental

EXPLOSÃO!: An experimental metazine

GOMES, Bella; Mestranda; Centro de Estudos de Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R School)

bslg@cesar.school

OLIVEIRA, Gabriela; Doutora; Centro de Estudos de Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R School)

gafo@cesar.school

Resumo

Este trabalho apresenta o desenvolvimento do metazine *Explosão!*, concebido através de um estudo exploratório de zines, a partir de uma apuração histórica, e também como um estudo de campo realizado por meio de uma série de oficinas executadas e entrevistas com pessoas zineiras. O artefato gráfico gerado neste trabalho busca introduzir ao leitor o que são zines, quem os faz, porque são feitos e como fazer um zine – expressando e sintetizando o fruto das referências históricas coletadas durante as pesquisas e explorando a intersecção entre subjetividade e materialidade nos processos do fazer e do narrar através de uma introdução-tutorial ao mundo e confecção de zines – assim buscando preservar sua história, sua cultura e incentivando sua produção. Para a confecção de *Explosão!*, foram realizados uma série de experimentos gráficos utilizando uma diversidade de materiais e técnicas como escaneamento de objetos, impressão e carimbagem, resultando num projeto gráfico concluído com êxito.

Palavras Chave: zine; fanzine; contracultura; diy; experimentação.

Abstract

This body of work presents the development of the metazine Explosão!, conceived through an exploratory study of zines, based on historical research, and also as a field study carried out through a series of workshops and interviews with zinesters. The graphic artifact generated by this work seeks to introduce the reader to what zines are, who makes them, why they are made and how to make a zine – expressing and synthesizing the fruit of historical references collected during research and exploring the intersection between subjectivity and materiality in processes of making and narrating through a tutorial introduction to the world and making zines – thus seeking to preserve its history, its culture and encouraging its production. To create Explosão!, a series of graphic experiments were carried out using a variety of materials and techniques such as object scanning, printing and stamping, resulting in a successfully completed graphic project.

Keywords: zine; fanzine; counterculture; diy; graphic experimentation.

1 Introdução

O termo "fanzine" é uma junção das palavras *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista), significando, em tradução literal, "revista do fã". À medida que os fanzines passaram a ser de caráter autoral, ou seja, não mais focadas em um artista ou assunto específico, começaram a ser chamados simplesmente de "zine".

Mas afinal, o que define um zine? Diversas definições sobre zines têm sido propostas, tanto no meio acadêmico quanto fora dele, seguindo diferentes linhas de pensamento. No entanto, como o objetivo deste trabalho não é realizar uma investigação aprofundada sobre essas definições, concorda-se com Fernanda Meireles, pesquisadora e zineira da cidade de Fortaleza, quando ela afirma que os "conceitos do que seja um fanzine e para que ele serve e porque ele é feito, com o passar do tempo, se multiplicam, mas não se anulam. Pelo contrário e para o desespero de acadêmicos, eles se sobrepõem, somam-se" (MEIRELES, 2009, p. 100).

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar o desenvolvimento de uma publicação experimental sobre produção de zines a partir de (1) uma pesquisa exploratória de zines produzidos no Brasil desde os anos 2000; (2) compreender as características editoriais e autorais dos zines brasileiros; (3) elaborar o conteúdo da publicação a partir da pesquisa realizada nas etapas anteriores; e (4) experimentar modos de diagramação e produção gráfica para a realização da publicação.

Portanto, será apresentado o *Explosão!*, um metazine (um zine sobre zines) de caráter experimental constituindo-se em quatro capítulos: Pólvora, Faísca, Explosão e Fumaça, que buscam guiar o leitor pelo mundo do que são zines, como surgiram, quem os faz e por fim, como fazer o seu próprio zine. *Explosão!* tem como objetivo não apenas preservar a cultura de produção dos zines, mas também visa que ela seja difundida.

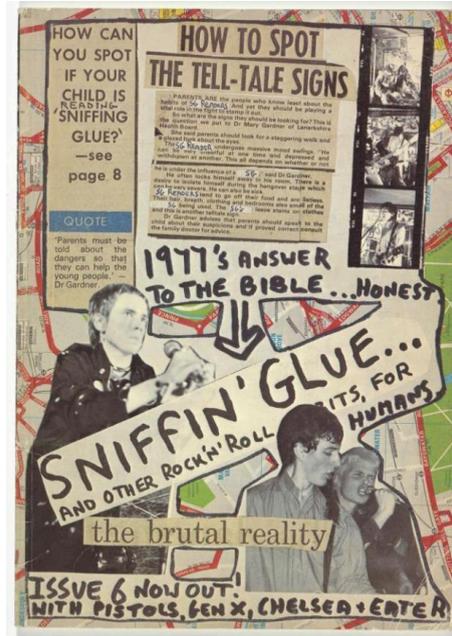
2 Fundamentação teórica

Os primeiros zines surgiram nos anos 1930 nos Estados Unidos, com foco em artigos e curiosidades sobre ficção científica. No final da década, o formato se espalhou para a Europa, sendo a Inglaterra o primeiro país a adotá-lo, com o fanzine *Novae Terrae*, dedicado à ficção científica, criado por Maurice Handon e Dennis Jacques em 1936.

Com o advento do movimento punk em 1976, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, os zines ganharam ainda mais força. Na Inglaterra o zine "Sniffin' Glue" (Figura 1), criado por Mark Perry, originou o termo D.I.Y ("do it yourself" ou "faça você mesmo") ao dizer para os seus leitores: "Todos que estão lendo Sniffin' Glue e estão insatisfeitos com o que escrevemos, saiam e façam seus próprios fanzines".

O que incentivou outras pessoas a produzirem seus próprios zines. Durante grande parte da década de 1990, os zines foram o principal canal de expressão para artistas independentes, como músicos, quadrinistas, poetas, ativistas e produtores. No entanto, com o advento da internet, o papel dos zines passou a ser mais diversificado, tornando-se uma plataforma para divulgar trabalhos artísticos em geral. Ao abrir mão das formas tradicionais de produção de informações, os zines proporcionam aos seus criadores a liberdade de expor suas ideias.

Figura 1 – Capa de Sniffin' Glue



Fonte: Museum of Modern Art (MoMA)

Essa forma alternativa de comunicação e expressão permite que os zineiros tenham um espaço próprio para transmitir sua visão de mundo, sem as amarras e as restrições impostas pelos meios de comunicação convencionais.

No Brasil, Edson Rontani é considerado o pioneiro dos fanzines, lançando "Ficção" em 1965 (Figura 2), um boletim impresso em mimeógrafo a álcool que informava sobre quadrinhos e reunia aficionados por essa arte, com uma tiragem de cerca de 300 exemplares e uma periodicidade irregular. No entanto, o termo "Fanzine" no Brasil começou a ser utilizado apenas na década de 1970, antes sendo chamado de "Boletim".

Figura 2 – Capa de Ficção



Fonte: FREITAS, Richardson.1965 – Fanzine Ficção. Nanquim, 2023.

É importante notar que os zines no Brasil surgiram também em um contexto político e cultural de redemocratização e efervescência criativa. O país saía de um período de ditadura militar, que reprimia a livre expressão artística e cultural, e vivenciava a retomada das liberdades democráticas e da cultura popular. Nesse contexto, os zines surgiram também como uma forma de resistência cultural e de expressão independente, desvinculada dos circuitos comerciais e das grandes mídias.

Os zines eram produzidos de forma independente, com recursos limitados, e tinham como objetivo dar voz às pessoas que eram marginalizadas pelos meios de comunicação tradicionais.

Nos anos 1990, com o processo de redemocratização do país, os zines continuaram a se desenvolver e se tornaram uma forma de expressão de diversos movimentos sociais, como os movimentos feminista, LGBT, negro e indígena. Nesse período, também surgiram novos formatos de zines, como os digitais, que se popularizaram com o advento da internet.

Hoje, o contexto histórico dos zines no Brasil é marcado pela diversidade e pela resistência cultural. Os zines continuam a ser uma forma de expressão livre e independente, utilizada por grupos marginalizados, movimentos sociais e artistas que buscam se afastar das imposições da mídia tradicional. Ainda que enfrentem desafios como a falta de apoio institucional, os zines seguem como uma importante ferramenta de resistência e de democratização da cultura.

Desse modo, o estudo e preservação dos zines no Brasil se faz necessário por diversos motivos. Em primeiro lugar, os zines são produtos culturais que muitas vezes representam uma forma de resistência e subversão frente às hegemonias culturais. Dessa forma, o estudo dos zines

pode contribuir para a compreensão das dinâmicas culturais e dos conflitos políticos presentes na sociedade brasileira.

Os zines são também uma fonte importante de informação e registro de manifestações artísticas, culturais e políticas que muitas vezes são marginalizadas pela mídia tradicional. O estudo dos zines pode permitir o acesso a essas manifestações, bem como o registro e a preservação de sua memória. Os zines nos forçam a analisarmos a produção gráfica, considerando não apenas aspectos estéticos, mas também políticos, sociais e culturais envolvidos na criação e distribuição de publicações independentes.

Destaca-se que o estudo dos zines no Brasil pode permitir uma compreensão mais ampla do papel do design e da produção gráfica na cultura brasileira. Os zines representam um espaço de experimentação e inovação gráfica, onde muitos artistas e designers encontraram um campo fértil para desenvolver sua criatividade e suas habilidades técnicas. O estudo dos zines pode, portanto, contribuir para uma reflexão sobre o papel do design na cultura brasileira e sobre suas possibilidades de atuação fora do mercado comercial.

Além disso, os zines e o movimento DIY oferecem uma alternativa valiosa ao consumo passivo de informações. Ao encorajar a produção independente de conteúdo, essas formas de expressão capacitam as pessoas a se tornarem participantes ativos na criação e compartilhamento de conhecimento. Isso é especialmente relevante em um contexto capitalista onde o controle da informação muitas vezes está nas mãos de poucos conglomerados. Ao promover a produção caseira, os zines não apenas desafiam a centralização do poder, mas também incentivam uma cultura de participação ativa e de pertencimento, onde a criação e a disseminação de ideias estão nas mãos da comunidade, subvertendo as dinâmicas tradicionais de produção e consumo.

Tendo isso em mente, o artefato e sua materialidade tornam-se indispensáveis, não só pelo artefato ser também o objeto de estudo, mas também pelo entendimento que só pode ser adquirido através da experiência de produção deste. Por fim, o artefato não atua apenas como um meio de preservação da cultura dos zines, mas também como uma introdução ao mundo dos zines, por ser em si um zine, por falar sobre a cultura de produção e por incentivar o leitor a produzir seu próprio zine.

Há 30 anos autores como Henrique Magalhães já falavam sobre “a falta de uma bibliografia específica sobre o fanzine” (MAGALHÃES, 1993, p. 7), hoje o quadro permanece o mesmo. A falta de bibliografia específica sobre zines no Brasil pode estar relacionada a diversos fatores. Um deles é a falta de reconhecimento dessa produção como um objeto de estudo válido e relevante para a área de pesquisa acadêmica. Além disso, a produção de zines muitas vezes acontece de maneira informal e descentralizada, dificultando a catalogação e o registro dessas publicações independentes.

Outro grande fator é a dificuldade de acesso às fontes de pesquisa, como os próprios zines. Muitas vezes, essas publicações são produzidas em pequenas tiragens e circulam em circuitos independentes, dificultando sua disponibilidade em bibliotecas e arquivos públicos. Além disso, a falta de investimento em digitalização dessas publicações pode limitar ainda mais o acesso a esse material.

Embora as zines tenham uma longa história no Brasil e tenham sido um meio importante para a expressão e resistência, atualmente enfrentam muitos desafios. Um dos principais é a falta de visibilidade e reconhecimento no cenário cultural e artístico do país. Isso se deve, em grande parte, à falta de incentivo e apoio institucional para a produção e circulação de zines e pelo caráter efêmero dos zines.

2.1 Pesquisas recentes no Brasil

Neste tópico, serão apresentadas duas pesquisas similares que abordam a temática do zine no Brasil, mas que também geraram publicações experimentais no processo, sendo elas a de Souza (2013) e a de Assumpção (2022).

Em seu TCC, Souza (2013) – professor e doutor em design pela UFPE – realizou um estudo sobre fanzines, design e narrativas, mapeando todas as fases do processo experimental ao artefato gráfico. Sua pesquisa foi estruturada em duas partes. A primeira parte, "Conceituação", traz discussões sobre os eixos conceituais gerados a partir do fanzine; a segunda parte, "A Narrativa", descreve o processo da realização do zine, desde a escrita do conteúdo até a encadernação.

É válido destacar que Souza (2013) também ressalta a natureza não linear do processo, relatando que "A lógica é fundamentalmente circular e com ligações entre si em todos os momentos" (SOUZA, 2013, p.44), também como ilustrando essa não linearidade no esquema representado na Figura 3.

Figura 3 – Esquema dos momentos de produção do fanzine



Fonte: SOUZA, Eduardo, 2013.

Também produzindo experimentações gráficas, Juliana Assumpção – mestra em Letras pela UERJ – examina em sua dissertação as “práticas zineiras” do coletivo *Nós, as poetas!* propondo uma leitura de páginas selecionadas das três edições do zine – que leva o mesmo nome do coletivo – lançadas entre 2016 e 2020. Assumpção (2022) traz em sua pesquisa explorações gráficas dos conceitos debatidos do que é (e o que pode ser) um zine (Figura 4).

Figura 4 - O que pode (ser) um fanzine?



Fonte: ASSUMPÇÃO, Juliana, 2022.

Buscando compreender as características editoriais e autorais dos zines feitos no Brasil, parte da pesquisa voltou-se também para relatos de zineiros brasileiros, em obras como *Zines no cárcere*, escrita por Jô Feitosa, João Francisco Aguiar, Thina Curtis e Márcio Sno, que relatam suas experiências atuando em projetos trazendo a produção de zines para dentro das prisões brasileiras, também como o livro "O universo paralelo dos zines" de Márcio Sno, busca introduzir o que são zines, a linguagem utilizada pelos zineiros e como se tornar um zineiro (que de acordo com ele, basta fazer uma zine).

Por fim, possivelmente a obra mais antiga lida na pesquisa até agora, temos "O que é fanzine" de Henrique Magalhães, que por ser uma das primeiras obras dedicadas ao zines, foi utilizada como referência por todos (senão quase todos) os textos pesquisados, adentrando na história dos fanzines e quais os processos de produção.

3 Metodologia e processo de desenvolvimento

Por ser uma publicação experimental, o procedimento escolhido é o de um plano editorial, que seguirá uma adaptação da metodologia Fuentes (2006), conforme apresentado na figura 5.

Figura 5 - Metodologia do projeto



Fonte: A autora, baseado em Fuentes (2006)

A divisão da metodologia ocorre em quatro etapas, conforme a Figura 5. A primeira etapa, denominada **Necessidade**, compreende a identificação, pesquisa e análise de zines produzidos no Brasil a partir dos anos 2000. Nessa etapa ocorre uma preparação e construção de repertório para fundamentar as decisões que serão elaboradas na próxima etapa, onde é necessário escolher, dentre todas as informações coletadas, o caminho a ser seguido.

É nesse momento que as ideias de comunicação do projeto começam a se desenvolver, relacionando de forma significativa todos os elementos envolvidos. Então, optamos por fazer, além da pesquisa bibliográfica, entrevistas com fanzineiros, assim como ministrar oficinas de fanzine para entender com mais profundidade o tema e os tópicos que seriam abordados na publicação.

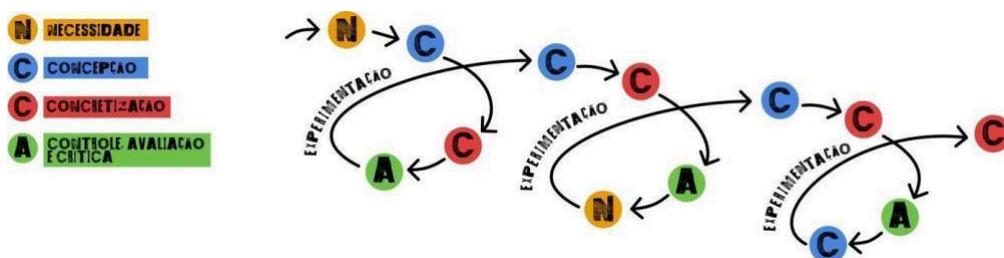
A próxima etapa é a **Concepção**, na qual há uma síntese das pesquisas realizadas e elaboração do conteúdo da publicação a partir destas pesquisas realizadas na etapa anterior. Além disso, também há o início dos layouts para publicação e tomadas de decisão editorial – como, por exemplo, a organização do conteúdo.

A terceira etapa é a de **Concretização**, que, devido ao seu teor prático e experimental, foi a etapa mais longa do projeto. Nela constam as decisões e elaborações referentes ao projeto gráfico e à produção gráfica da publicação. Assim, há a definição da estrutura da publicação – referente ao grid –; da tipografia – na qual há uma pesquisa para escolher a que seja coerente com o conteúdo –; da paleta de cores; das imagens – se serão coletadas online ou se serão produzidas –; da experimentação gráfica – na qual é dedicado um intervalo de tempo generoso para que seja possível testar materiais –; da prototipação (ou boneca); da impressão; do acabamento; da encadernação – que, apesar de comumente esta etapa estar inclusa no acabamento, optamos por destacá-la, uma vez que, devido à manualidade do projeto, era possível fazer testes específicos.

Por fim, o **Controle, avaliação e crítica**, visando validar o protótipo incluindo a validação da qualidade digital e impressa, que é de extrema importância para a materialidade do artefato.

Porém, como discutido e ilustrado na Figura 6 e como é a natureza dos projetos de teor experimental, tratar essas etapas como um processo linear não faria sentido, visto a essência intrinsecamente circular do processo. Assim, o processo consta então de uma interligação e repetição destas etapas, onde elas se retroalimentam, mas nunca voltando ao mesmo ponto – sempre construindo alguma nova síntese em relação à etapa anterior.

Figura 6 – Metodologia do projeto



Fonte: a autora (2023)

Fuentes (2006) diz que "cada designer terá de buscar sua própria metodologia para estabelecer a natureza de um design encomendando, classificando-a, medindo-a, anotando-a e estudando-a, de maneira que se torne mais enriquecedora para o que realmente importa: sua linguagem própria de design." (FUENTES, 2006, p.30). Portanto, foi proposto, como explicitado nos parágrafos anteriores, adaptações de sua metodologia, modificando principalmente os aspectos relacionados a marketing, visto que a publicação não tem fins comerciais, à princípio, e sim, acadêmicos.

3.1 Descrição do processo

3.1.1 O teórico

Os primeiros passos do processo para a escrita do artefato foram a pesquisa e a fundamentação teórica apresentadas aqui, que foram feitas para além do propósito acadêmico, com o conteúdo sendo também apropriado para a parte inicial do zine.

3.1.2 Oficinas

Com o objetivo de promover e entender o contato inicial com a produção de zines, a foram ministradas duas oficinas, uma no dia 19 de Maio de 2023, no Preocupe, evento do IFPE Campus Recife, e outra no dia 17 de agosto de 2023, na semana de imersão, evento da Cesar School, onde

foram ensinados o que são zines, seu contexto histórico e como fazer um zine, mais especificamente como fazer um zine de com uma folha única, formato esse que foi escolhido posteriormente para a parte instrucional de *Explosão!*.

Em ambas oficinas, foram levadas revistas antigas, com o intuito de que fosse utilizada a técnica de colagem, visto que as oficinas tiveram caráter analógico a fim de incentivar um contato mais próximo dos participantes com a cultura DIY. É importante observar que diversos alunos relataram que a oficina foi o primeiro contato com zines e, principalmente nos participantes mais jovens, que aquele foi o primeiro contato com colagem manual.

Figuras 7 e 8 - Participantes em diversas fases da confecção dos seus zines.



Fonte: a autora (2023)

Foi observada a hesitação na hora de iniciar a confecção dos zines, sentimento esse que logo foi substituído por entusiasmo ao ter as ideias iniciais ou ao encontrar imagens que gostavam nas revistas. Alguns preferiram desenhar, fazer quadrinhos, outros embarcaram de vez nas colagens e, é claro, tiveram aqueles que fizeram um pouco de tudo.

Figura 9 - Conversa inicial com os participantes do preocope



Fonte: a autora (2023)

Figuras 10, 11 e 12 –Participantes do preocope recortando e colando



Fonte: a autora (2023)

Figura 13 - Zine feito por um participante da *semana de imersão* utilizando a técnica de colagem..



Fonte: a autora (2023)

Figuras 14, 15 e 16 - Zine de uma participante do *preocupe* utilizando a técnica de colagem



Fonte: Thalita Macedo, via Instagram (2023).

Um dos achados mais interessantes das oficinas ministradas foi que, apesar de todos terem acesso às mesmas revistas e imagens dentro delas, foi notada uma imensa diversidade no conteúdo autoral dos zines. Ou seja, cada zine refletindo a vivência, personalidade e estilo da pessoa que o fez, todas com diferentes tipos de colagens, desenhos e temas.

Devido ao limite de tempo, muitos dos alunos não terminaram seus zines, alguns até mesmo ficando após os horários oficiais da oficina para terminarem. Apesar disso, boa parte relatou que iriam continuar suas produções em casa, levando consigo as imagens recortadas, muitos também relataram que iriam fazer outros zines.

3.1.3 Entrevistas

Buscando compreender a visão sobre a cultura de produção de zines a partir dos olhos de zineiros experientes, foram entrevistadas duas pessoas: Camilo Maia, punk, zineiro e dono da editora "Livrinho de papel finíssimo" e Márcio Sno, zineiro e autor das obras "O universo paralelo dos zines" e "Zines no cárcere".

As entrevistas foram semiestruturadas, possuindo um roteiro prévio, mas deixando abertura para que sejam feitas perguntas fora do planejado a partir do rumo da conversa.

As perguntas e seus objetivos para essa semiestruturação foram divididos em três categorias: uma categoria geral, uma sobre o processo criativo e última sobre o panorama da produção de zines.

Tabela 1 - Estrutura para entrevista

Tópico	Pergunta	Objetivo
Geral	"Como você começou a fazer zines?"	Compreender o panorama histórico da pessoa entrevistada.
Processo Criativo	"O que te inspira a fazer zines?"	Conhecer as referências e motivações para o conteúdo do zine.
Processo Criativo	"Como é o seu processo criativo na produção de um zine? Da ideia até o produto final?"	Entender o processo criativo na concepção de zines, como surge a ideia, o tema, etc.
Panorama de produção de zines	"Por que fazer um zine hoje?"	Compreender as motivações de produzir um zine na contemporaneidade.
Panorama de produção de zines	"Considerando o cenário atual de produção de zines, o que você considera que mudou desde que você começou?"	Entender a mudança na cultura de produção de zines.
Panorama de produção de zines	"Você indica algum zine ou fanzineiro cujo trabalho você ache interessante?"	Ampliar as referências para a pesquisa.

Fonte: a autora (2023).

A primeira entrevista foi com Márcio Sno, via Google Meets (Figura 17). Márcio produz zines há 30 anos, tendo seu início nos anos 1990. Um dos principais achados da entrevista com Márcio foi a perspectiva dele com relação ao cenário antigo e o cenário atual da produção de zines, que de acordo com ele "mudou em vários aspectos" porque "nesse meio tempo teve a

internet, antes da internet a galera produzia de forma analogica, depois da internet a maioria dos zineiros migraram pros blogs e desistiram no meio do caminho, às vezes porque cresceu e casou e o momento passou, e eu fui um dos poucos que ficou e tenho essa visão dos dois lados."

Figura 17 - Primeiro momento da entrevista com Márcio.



Fonte: a autora (2023)

Além do meio de produção, algo que Márcio diz ter mudado também são as temáticas dos zines: "Antes tinha essa coisa de divulgar ideias e artistas, hoje em dia se tem uma visão mais autoral, de publicar pra botar pra circular o seu texto seu quadrinho o que for, não pra divulgar alguma coisa, a forma de divulgação e distribuição, você bota nas suas redes sociais e a galera já sabe que você já fez o negócio."

Se antigamente quando "não se fazia ideia do que era fanzine, não tinha o termo no dicionário" a moeda corrente era selo, Márcio diz que "a base da distribuição dos zines era por correios, você perguntava quanto custava o zine e mandava a carta, dois selos como preço".

De acordo com Márcio, hoje em dia "A base da distribuição são as feiras de publicação independentes, a galera começou a publicar para lançar as feiras, na época da pandemia quase não lancei nada, não tinha onde divulgar, as feiras se tornaram o principal meio de ecoar publicações independentes, o cenário mudou bastante, hoje em dia eu lanço zine porque eu sempre fiz isso, me empoderei do faça você mesmo."

Com relação ao seu processo criativo, Márcio relata que o jeito que ele produz zines mudou radicalmente: "Em 2015, eu já tava em outra etapa da minha vida com relação aos zines, quando eu retomo as publicações, eu quero que as pessoas tenham um motivo pra ter aquele papel na mão, se eu botar esse papel num pdf ela pode ler online ou no manual, as pessoas tem que ter uma razão pra ter aquilo na mão, e acabou que eu acabei desaguando nas micro zines, a pessoa

tem que chegar perto, ler com calma, se eu pegar um formato sanfonado é outra experiência, não quero mais fazer em formatos convencionais."

Figura 18 - Márcio mostrando um de seus micro zines "encostinho".

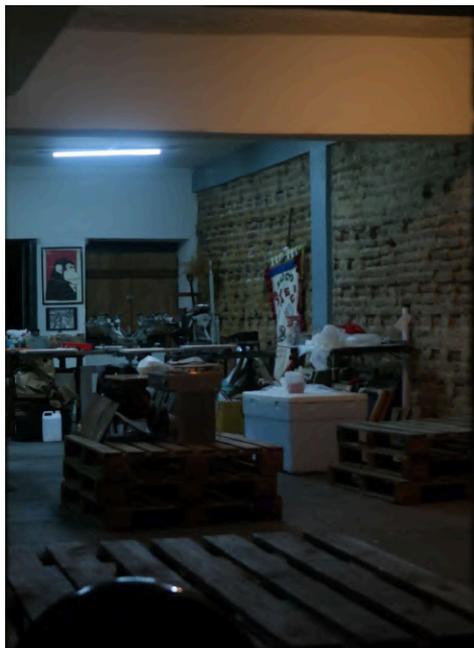


Fonte: a autora (2023)

á desprendendo um pouco das perguntas programadas e como Márcio é um dos principais autores da bibliografia sobre zines no Brasil, perguntei pra ele o porque dele escrever sobre zines, ele sorriu e respondeu: "Tudo que eu ganhei dos zines eu tenho que devolver de alguma forma".

A segunda entrevista foi com Camilo Maia, feita presencialmente no ateliê que acomoda sua editora.

Figura 19 - Registro do ateliê



Fonte: a autora (2023)

Camilo teve seu primeiro contato com zines através da cena punk, ao ouvir sobre zines como Sniffin' Glue. Em 1999, juntamente com um amigo, fundou o "Contracultura", um zine em formato A4 dobrado ao meio, feito para ser distribuído na cena punk onde tocavam. Algo que se destacou durante a entrevista, assim como na de Márcio, é a diferença que a internet fez para o panorama de produção dos zines e como isso ressignificou o zine na atualidade.

Ele conta que "Os zines bebem de uma cultura de você publicar coisas no papel. nos anos noventa que você quisesse publicar algo ou você publicava no papel ou não publicava, porque sequer existia essa coisa de internet ou porventura depois, de 15 anos pra cá, essa coisa que se chama rede social." Ou seja, qualquer opinião que você queria compartilhar para o mundo, tinha de ser no papel, porém, Camilo completa, "Hoje a rede social cumpre parte do papel de expressão, comunicação e alcance que antes você só conseguia num zine."

O público de pessoas que buscam produzir zines na atualidade já não seria motivado apenas pela ideia da comunicação ou alcance. De acordo com Camilo "Quem publica ou se aproxima do zine impresso no papel hoje em dia é porque sente um desejo de experimentar o algo a mais que uma simples publicação online não têm: gerar um artefato físico."

Ele adiciona também que "Existe uma grande probabilidade do seu perfil no instagram não exista daqui a 8 anos. A probabilidade de um pedaço da sua expressão enquanto autor, artista e pessoa viva ir embora na desarticulação de um perfil desses. Enquanto um zine que eu publiquei em uma modesta folha de papel A4, dobrado com dois ou três textos meus, vai perdurar décadas. Devidamente armazenados do vento e da chuva, podem durar 10 anos na gaveta de alguém, passando de mão em mão."

Camilo conclui que o ato de fazer um zine hoje em dia é muito mais significativo do que apenas um meio de expressão, ele diz que "O ato de você imprimir uma ideia sua fisicamente gera camadas de esforço e de gastos, que aumentam a cadeia de responsabilidade em torno do que você está fazendo, que é parte também da magia." Ressaltando mais uma vez a divisória entre o digital e o físico finalizando com: "Você pode até me perguntar o porquê de se dar o trabalho de imprimir algo que vai atingir 100 pessoas quando no twitter você atinge 14 mil. Nós não estamos falando de alcance, estamos falando de outro tipo de prazer, que é você ter um artefato que você guarde, que você passe adiante."

Porém, a entrevista com Camilo não terminou por aí, na verdade tomou outro rumo, saindo apenas do mundo das perguntas e relatos e seguindo então para um tour do ateliê e das diferentes ferramentas de confecção para zines e livros (de papel finíssimo).

Figura 20 - Livros e zines da Livrinho antes de serem montados



Fonte: a autora (2023)

Figura 21- Livros e zines da Livrinho após serem montados



Fonte: a autora (2023)

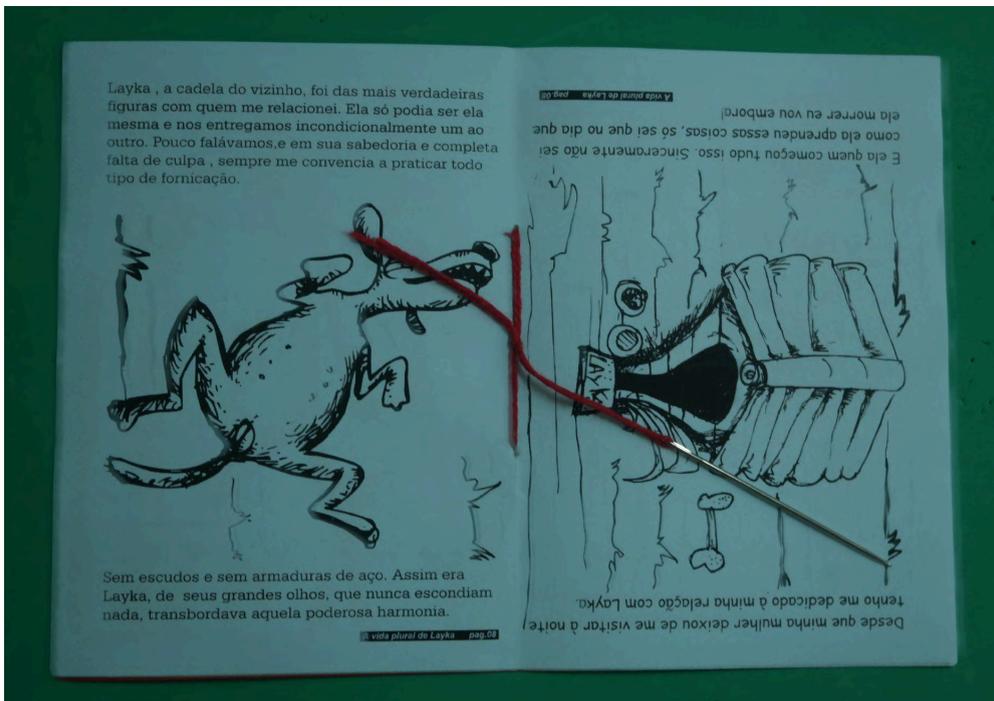
Camilo não apenas mostrou os diversos zines feitos pela sua editora, mas também ensinou como cortar, montar e costurar um zine. Assim, foi muito além de uma entrevista, sendo um momento de partilha, aprendizado e mão na massa (Figuras 22, 23, 24 e 25).

Figuras 22 e 23 - Camilo demonstrando como cortar um zine



Fonte: a autora (2023)

Figura 24 - A primeira costura em zine.



Fonte: a autora (2023)

Figura 25 - Pilha dos zines cortados e costurados



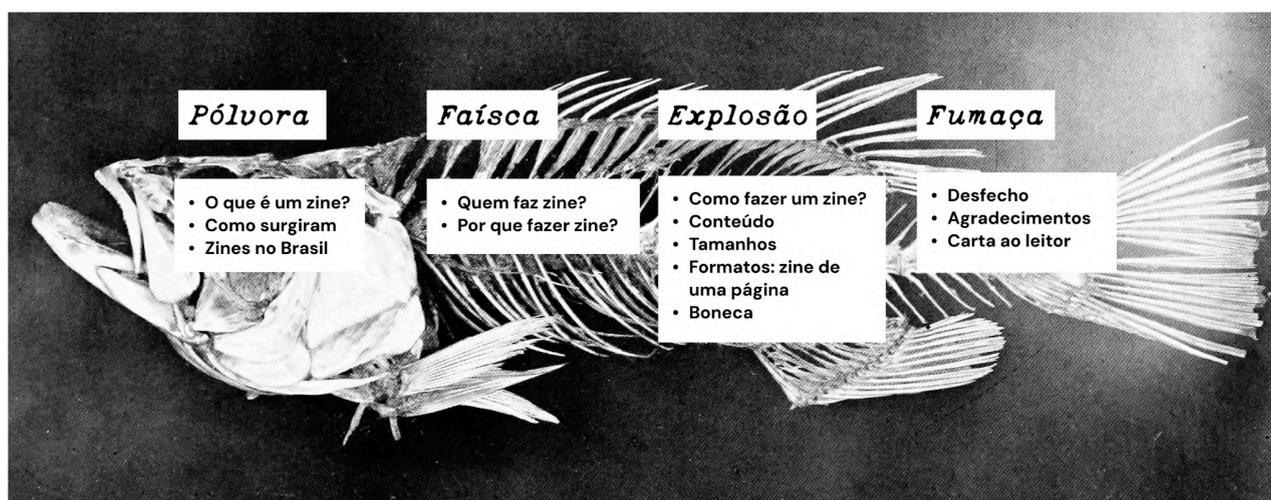
Fonte: a autora (2023)

A experiência de ir ao ateliê e presenciar todo o processo de confecção, juntamente ao momento de aprendizado prático tornaram desta entrevista uma das partes mais enriquecedoras da pesquisa. A receptividade e generosidade de Camilo em acolher não só as perguntas mas também como a pesquisa foram cruciais para o desenvolvimento desse projeto.

3.2.5 A escrita

A partir do estudo teórico e do estudo em campo feito com base nas oficinas e entrevistas, foi criada uma espinha dorsal para o zine tendo em vista a criação de uma narrativa que guiasse o leitor e sendo definidas as 4 partes que iriam compor o zine: Pólvora, Faísca, Explosão e Fumaça.

Figura 26 - Espinha dorsal do artefato



Fonte: A autora (2024)

A primeira parte, Pólvora, introduz ao leitor o conceito do que seria um zine, de como surgiram os zines e como os zines se manifestaram no Brasil (um capítulo resultado da pesquisa feita e apresentada aqui neste documento).

A segunda parte, Faísca, fala sobre as pessoas que fazem zine, trazendo 3 diferentes zines brasileiras que foram selecionadas por explorarem diferentes formatos e técnicas e também pelos contextos nos quais surgiram.

A terceira parte, Explosão, baseada nas oficinas dadas, explica como fazer um zine, abordando conteúdo, tamanhos e formatos.

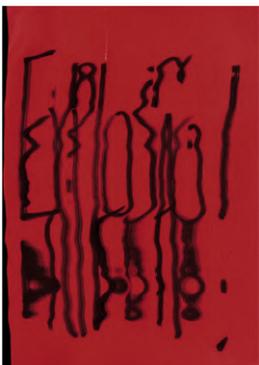
A última parte, Fumaça, traz o desfecho, agradecimentos juntamente a uma carta ao leitor.

3.2.6 Experimentos

Visando o caráter experimental do zine, foram feitas uma série de experimentações em arte xerox, técnica que tem ligação direta com a história dos zines por utilizar-se da fotocopadora, todas as experimentações contendo o nome "Explosão!". Os experimentos foram criados para intervirem entre os capítulos do zine.

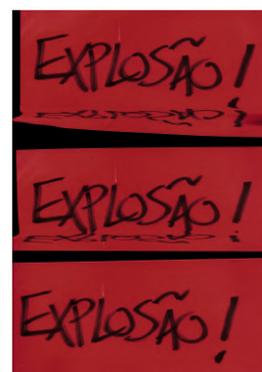
Foi utilizada uma variedade de objetos, juntamente com a palavra explosão escrita a mão tanto no papel, como também nos próprios objetos. A tabela abaixo foi criada com o objetivo de catalogar e enumerar os experimentos, os materiais utilizados, materiais escaneados e os resultados obtidos.

Tabela 2 – Tabela de experimentos

Nº do experimento	Materiais utilizados	Materiais escaneados	Resultado
01	Cartolina vermelha, tesoura, marcador permanente.		
02	Cartolina vermelha, tesoura, marcador permanente.		

03

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



04

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



05

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



06

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



07

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



08

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



09

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



10

Cartolina vermelha,
tesoura, marcador
permanente.



11

Rolinho de tinta, tinta guache vermelha, marcador permanente.



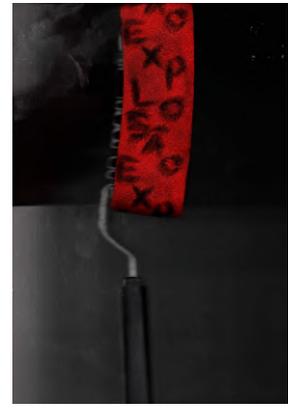
12

Rolinho de tinta, tinta guache vermelha, marcador permanente.



13

Rolinho de tinta, tinta guache vermelha, marcador permanente.



14

Suporte para celular, cartolina vermelha, marcador permanente.



15

Suporte para celular,
 cartolina vermelha,
 marcador permanente.



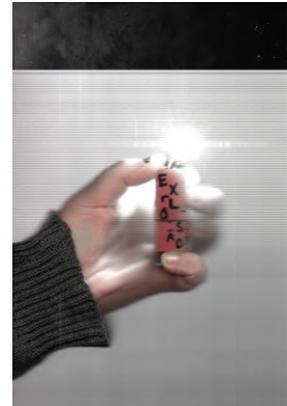
16

Isqueiro, cartolina
 vermelha, tesoura, cola,
 marcador permanente.



17

Isqueiro, cartolina
 vermelha, tesoura, cola,
 marcador permanente.



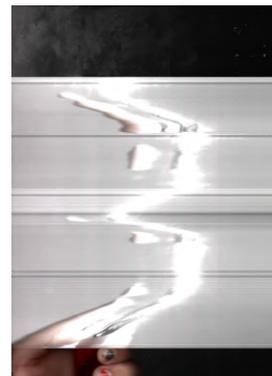
18

Isqueiro, cartolina
 vermelha, tesoura, cola,
 marcador permanente.



19

Isqueiro, cartolina vermelha, tesoura, cola, marcador permanente.



20

Boneco impresso em 3D, papel ofício, tesoura, marcador permanente.



21

Boneco impresso em 3D, papel ofício, tesoura, marcador permanente.



22

Boneco impresso em 3D, papel ofício, tesoura, marcador permanente.



23

Boneco impresso em 3D,
 papel ofício, tesoura,
 marcador permanente.



24

Boneco impresso em 3D,
 papel ofício, tesoura,
 marcador permanente.



25

Papel toalha, tinta para
 carimbo, marcador
 permanente.



26

Papel toalha, tinta para
 carimbo, marcador
 permanente.



27

Papel toalha, tinta para carimbo, marcador permanente.



28

Papel ofício, tesoura, marcador permanente



29

Papel ofício, tesoura, marcador permanente.



30

Papel ofício, marcador permanente.



Fonte: a autora (2023)

A fim de registrar o processo das experimentações, foram tiradas também algumas fotos durante a execução.

Figura 27 - Registro do experimento 15 e 28.



Fonte: a autora (2023)

Figura 28 - Registros do experimento 18.



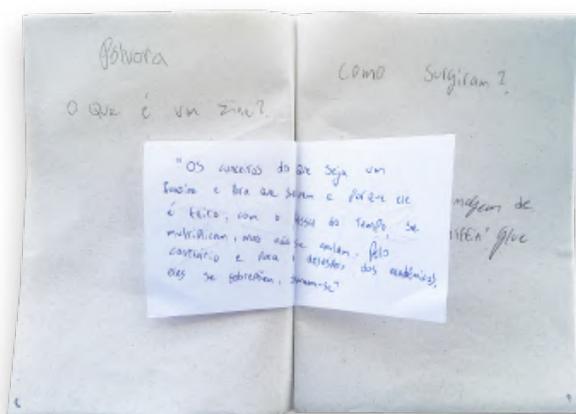
Fonte: a autora (2023)

Dos 30 experimentos catalogados, foram selecionados 8 para serem intervenções incluídas no zine, sendo eles os experimentos 06, 13, 15, 16, 18, 23 e 28. Também foi escolhida a matriz do experimento 30 para a capa do zine.

3.2.7 O protótipo (boneca)

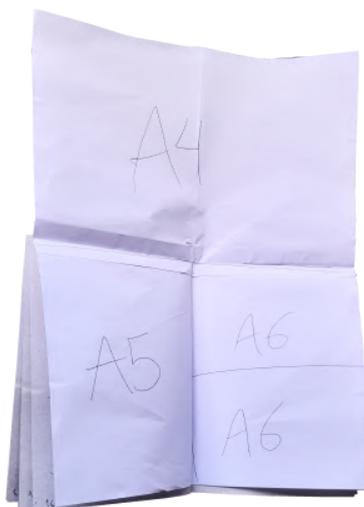
Para testar o formato do zine, as intervenções dobráveis e o espelho editorial, foi feita a boneca do zine, com capa em papel ofício e miolo em papel rascunho.

Figura 29 - Teste feito na boneca de como seria a primeira intervenção dobrável do zine.



Fonte: a autora (2023)

Figura 30 - Teste feito na boneca de como seria a dobra do poster de tamanhos



Fonte: a autora (2023)

3.2.8 Diagramação

Após a escrita, foi iniciado o processo de organização dos elementos visuais do design (tipografia, cores, alinhamento, imagens) com a parte textual.

Inspiradas pela estética de máquinas de escrever, também como na estética falhada do DIY, foram escolhidas as fontes *Oceanic* e *Travelling typewriter* como fontes primária e secundária.

Para os títulos dos capítulos, foram buscadas fontes de display que possuíssem texturas, a partir da seleção de fontes, foram feitos alguns testes, todos eles tentando incorporar o símbolo de explosão.

Figura 31 - Testes de com fontes display para os títulos



Fonte: a autora (2023)

Foi escolhida a fonte *Ledlight* para compor os títulos, juntamente com o símbolo da explosão, editado para substituir uma das letras. A partir da escolha das fontes, foi feito o modelo das páginas do zine.

Figura 32 - Modelo de página dentro do grid, contendo a fonte *Ledlight* (editada com o símbolo de explosão) para os títulos dos capítulos, a fonte *Oceanic* para os títulos dos subtópicos e *Travelling typewriter* para o corpo do texto.



Fonte: A autora (2023)

Partindo do modelo de páginas, foi realizada a junção dos textos e imagens, juntamente com as intervenções em arte xerox.

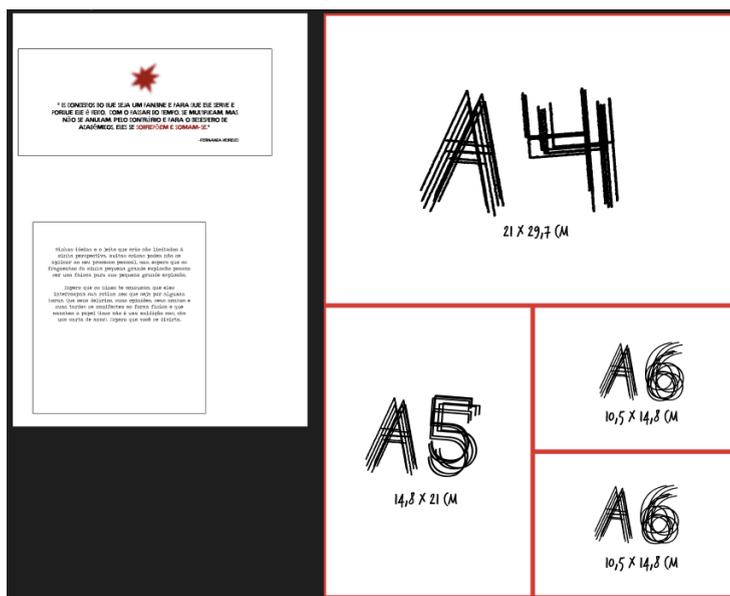
Figura 33 - Junção das páginas de introdução e intervenção.



Fonte: A autora (2023)

Com o corpo do zine já diagramado, foram feitos os modelos para as intervenções dobráveis que seriam cortadas, coladas e dobradas, para assim serem inseridas dentro do zine.

Figura 34 - Intervenções dobráveis, sendo elas uma citação, a carta ao leitor e o poster de tamanhos



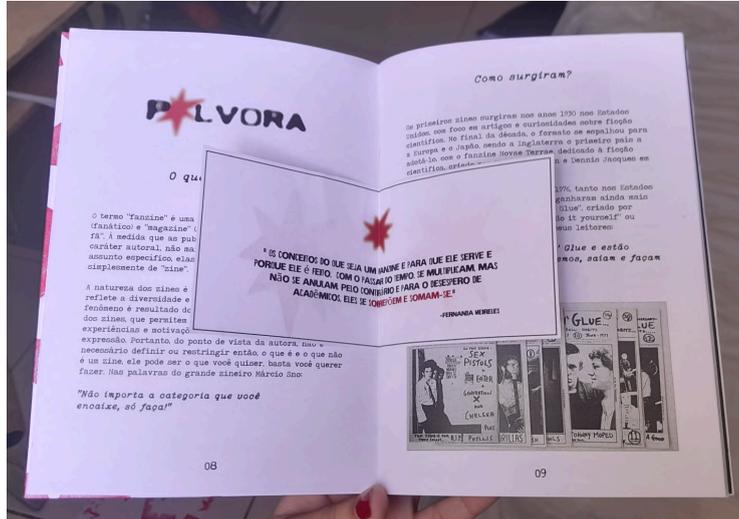
Fonte: A autora (2023)

3.2.9 **Materialização**

O zine foi impresso em lâminas de papel A4, dobradas para formar páginas em tamanho A5. A capa foi impressa em papel offset com gramatura de 240 e o miolo em papel sulfite 50 gramas. A escolha de papéis foi influenciada tanto por acabamento como por preço, com a capa possuindo gramatura maior para dar resistência ao zine e o miolo sendo fino o bastante para que a costura não fosse dificultada.

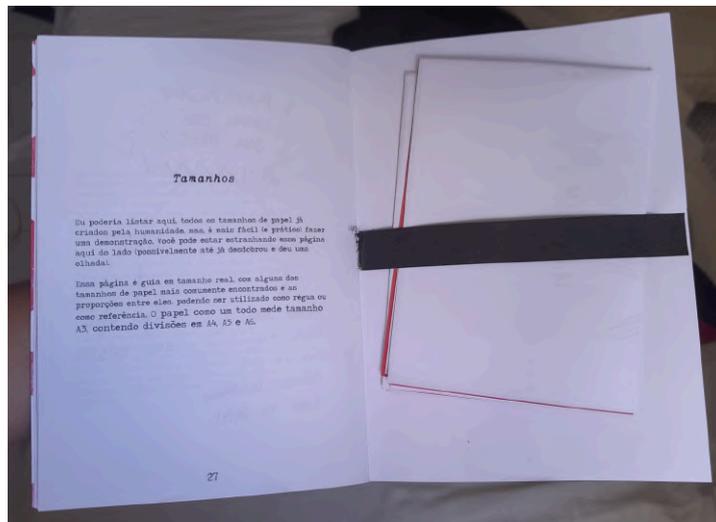
Por fim, após a impressão e o vinco, foi realizada a montagem do caderno, com a costura, colagem das intervenções, e a carimbagem manual da parte de dentro da capa e contra capa.

Figura 35 - Intervenção dobrável de citação colada ao zine.



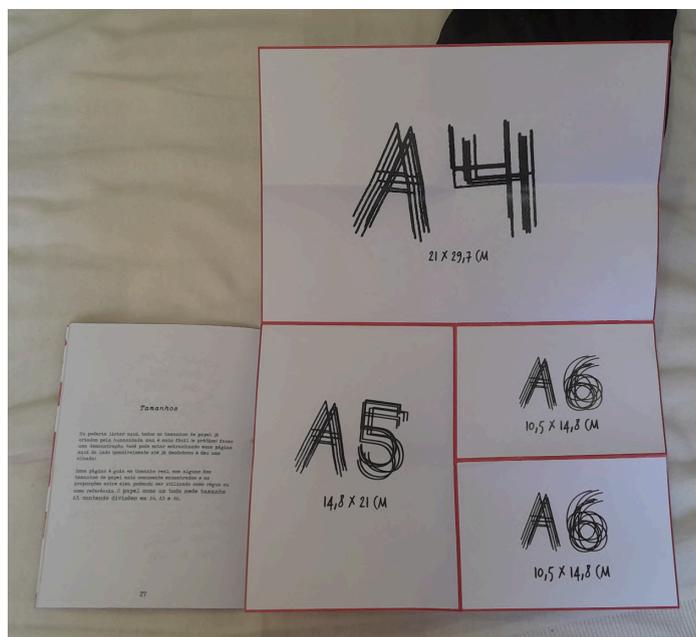
Fonte: A autora (2023)

Figura 36 - Pôster de tamanhos, dobrado e posto dentro do bolso.



Fonte: A autora (2023)

Figura 37 - Pôster de tamanhos, desdoblado.



Fonte: A autora (2023)

Figura 38 - Carimbos utilizados para a parte de dentro da capa e contra capa.



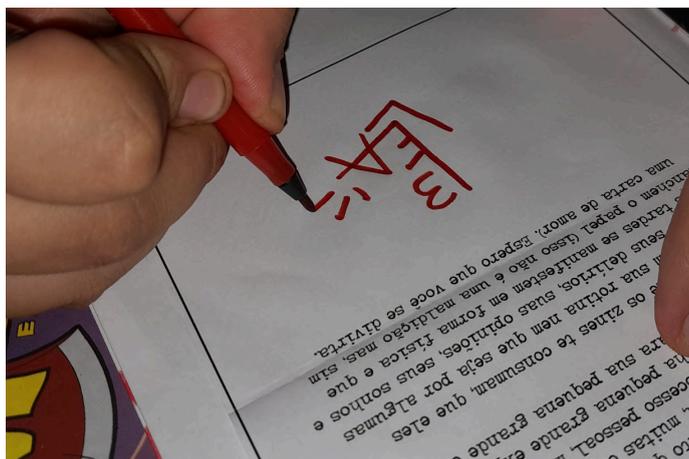
Fonte: A autora (2023)

Figura 39 - Registro do processo de carimbagem.



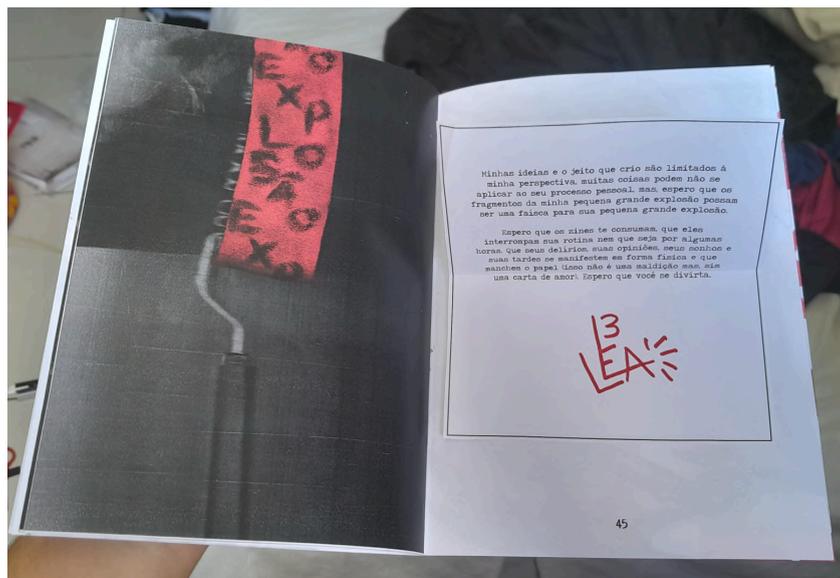
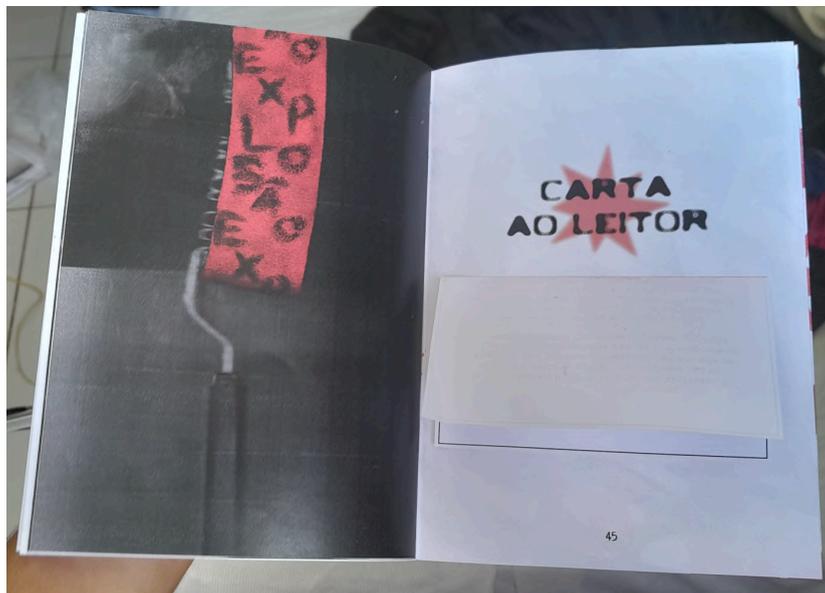
Fonte: A autora (2023)

Figura 40 - Carta ao leitor sendo assinada



Fonte: A autora (2023)

Figuras 41 e 42 - Carta ao leitor colada, dobrada e assinada.



Fonte: A autora (2023)

Posteriormente, o artefato foi publicado digitalmente na plataforma Issuu, que preserva o formato de visualização do zine¹.

¹ Disponível em: https://issuu.com/queroumchazin/docs/explosa_o

Figura 43 - Print da publicação na plataforma Issuu



Fonte: A autora 2024

4 Conclusão

A motivação e a escolha de produzir um artefato experimental e manual partiu de uma vontade de sair da frente da tela do computador, tirar as mãos apenas do teclado e botá-las no papel, sentir no físico os processos e os resultados. Abraçar os riscos de, se cortar, se colar, se sujar e, em alguns momentos se arrepender, que partem do fazer analógico. A escrita autoral foi uma decisão pessoal, a construção da narrativa (pólvora, faísca, explosão e fumaça) reflete um processo criativo, que muitas vezes foi descrito para amigos e professores como uma explosão por ser tão intenso.

Diante da escassez de bibliografia estruturada sobre o processo de fazer fanzines, se compreendeu que a construção de uma publicação que guiasse o fazer poderia ser também uma ferramenta de estímulo. Por isso, as oficinas ministradas foram primordiais para a compreensão do processo de construção para pessoas que estavam tendo essa experiência pela primeira vez. Além disso, a entrevista com Márcio Sno – cujo livro foi uma grande referência para esta pesquisa – foi inspiradora e possibilitou a ampliação do repertório. A entrevista com Camilo Maia, além de muito enriquecedora em termos teóricos, também foi crucial em termos práticos. Camilo ensinou a cortar e costurar um zine, entendendo, a partir das mãos, aquilo que tinha sido visto apenas pela teoria.

Por ser um projeto experimental, a não linearidade do processo se tornou um dos principais desafios a serem enfrentados, pois uma das maiores dificuldades é saber quando parar. O caráter autoral do artefato também provou-se como um desafio, por ser não apenas um projeto editorial mas por conter também uma escrita partindo das experiências pessoais.

Por fim, a manualidade exigida pela confecção analógica e artesanal adicionou uma camada extra de carinho e frustração, visto que o artefato não poderia apenas ser impresso e montado numa gráfica de uma vez. Ele precisou ser montado, costurado, carimbado e com as intervenções recortadas e coladas à mão.

O resultado final, tanto a pesquisa quanto o artefato gráfico, atingiram os objetivos aos que foram propostos. A pesquisa iniciou com uma intriga por zines e se desenvolveu em uma paixão, beirando obsessão, e a escrita em *Explosão!* reflete isso. Desse modo, *Explosão!* tem como objetivo não apenas preservar a cultura de produção dos zines, mas também visa que ela seja difundida. Além disso, pretende-se que essa pesquisa alcance outros caminhos e que o zine também seja mais explorado no campo do ensino em sua totalidade.

5 Referências

ASSUMPÇÃO, G. B. Juliana. **Práticas literárias, feminismos zineiros: Nós as poetisas! e os papéis do fanzine**, 2023. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Mídias táticas: os fanzines como fontes para a pesquisa histórica**, 2008. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

FEITOSA, J., AGUIAR, J. F., CURTIS, T., & SNO, M. **Zines no cárcere**, 2014.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. Tradução Osvaldo Antonio Rosiano. São Paulo: Edições Rosari, Coleção Fundamentos do Design, 2006.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MEIRELES, Fernanda, **Zines em Fortaleza (1996-2009)**. In: MUNIZ, Cellina R. (org.)

Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.98-120.

SOUZA, Eduardo. **Fanzine Design e Narrativas do Processo**. Recife: UFPE, 2013.

SNO, Marcio. **O universo paralelo dos zines**. São Paulo. TIMO, 2015.